

**XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO  
(ENPJ)**

**X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO  
UBERLÂNCIA (MG), 27 a 30 de abril de 2012**

**Problemas no ensino do jornalismo brasileiro em perspectiva  
beltriana**<sup>1</sup>

Grupo de Trabalho: **Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino**

Autor: Eduardo Amaral GURGEL<sup>2</sup> [xagurgel@yahoo.com.br](mailto:xagurgel@yahoo.com.br)

Instituição: Universidade Metodista de São Paulo – SP

**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo estudar criticamente e analisar em perspectiva diacrônica os problemas, inerentes ou subjacentes, ao ensino de jornalismo brasileiro. A metodologia utilizará como método a pesquisa qualitativa e como técnica a pesquisa bibliográfica e documental. Não por acaso será utilizada como referencial teórico obras sobre jornalismo de Luiz Beltrão que abarcam tais problemas. Conclui-se com o ensaio que, não obstante os avanços tecnológicos e sociais, muitos dos problemas relativos ao ensino de jornalismo no Brasil persistem desde os primeiros cursos de jornalismo até os dias atuais.

Palavras-chave – Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação Social – Jornalismo – Ensino – Luiz Beltrão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (ENPJ) X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO - UBERLÂNCIA (MG), 27 a 30 de abril de 2012

<sup>2</sup> Jornalista graduado pela FAI - Faculdades Adamantinenses Integradas. Pós-graduado em Comunicação Empresarial pela Unitoledo Araçatuba. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo sob orientação do Prof. Dr. José Marques de Melo; Bolsista CAPES. E-mail: [xagurgel@yahoo.com.br](mailto:xagurgel@yahoo.com.br).

## INTRODUÇÃO

Desde os primeiros cursos de jornalismo no Brasil até o debate sobre as atuais diretrizes curriculares em tramitação no Ministério da Educação – MEC – especialistas discutem problemas que se arrastam ao longo dos anos sem que se tenha uma solução. Historicamente, os cursos de jornalismo no Brasil estão atrelados ao desenvolvimento da sociedade em base capitalista. Destarte alguns deles assimilarem fórmulas importadas dos Estados Unidos e ideias inoculadas também da Europa. A reboque, algumas particularidades díspares com nossa realidade suscitaram problemas no jornalismo. Desde então, estudiosos e pesquisadores da área buscam saídas para melhorar a qualidade do ensino de jornalismo. Também nos primórdios dos cursos de jornalismo no Brasil é decisiva a participação do Estado com legislação específica para a área. Sua atuação, desde a criação do curso de jornalismo no sistema de ensino superior, mais adiante com a implantação dos currículos mínimos e, depois, das diretrizes curriculares, e também na regulamentação de profissões da comunicação, oscila entre erros e acertos. Outro destaque histórico vai para a atuação e interferência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – no panorama da comunicação mundial. Tal empreitada levada a cabo por meio do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina – C IESPAL – mudaria o cenário do ensino de jornalismo no Brasil e na América Latina. Mesmo antes da influência do CIESPAL, no apagar das luzes da década de 1950 e começo de 1960, destaca surge o pioneirismo de Luiz Beltrão, autor que hora ressaltamos para demonstrar sua visão privilegiada dos problemas do ensino de jornalismo e sua praticidade para saná-los. Sem dispor de muitos recursos na realidade da época e da região que atuava, Beltrão utiliza um modelo didático-pedagógico que influenciaria sobremaneira diversos cursos de jornalismo do Brasil. A metodologia empregada por Luiz Beltrão encontra resposta positiva nos cursos que ministrou em diversos Estados da nação. Encontra respaldo no pensamento e nas ações de seus seguidores que compartilham e, ainda hoje, lutam pelos ideais de Luiz Beltrão, na busca incessante de uma formação jornalística à altura dos ensinamentos do grande mestre. Fruto desse trabalho pode ser encontrado na

profícua obra de discípulos do primeiro curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Exemplo maior dessa safra se nota na pessoa de José Marques de Melo que se destaca como ícone do ensino do jornalismo brasileiro. Destarte, a obra de Luiz Beltrão constitui em material importante para a sistematização do ensino do jornalismo no Brasil. Ao percorrer caminhos epistemológicos e deontológicos das Ciências da Comunicação, o autor traz grande contribuição para o campo. Sob a égide da obra e do modelo didático-pedagógico beltraniano para o ensino do jornalismo no Brasil busca-se analisar os problemas da área e, quiçá, à luz do mestre, apontar caminhos para soluções. Para tanto, este ensaio se propõe então a traçar um itinerário diacrônico do ensino do jornalismo e fazer um percurso sincrônico dos problemas de ontem e de hoje na área. Destarte, apresenta-se por princípio e em resumidas linhas a história do ensino do jornalismo do Brasil, porém, com narrativas antecedentes de matrizes importadas inoculadas de escolas estadunidenses e europeias. Aborda as ações da UNESCO por meio do CIESPAL que foram decisivas para moldar o ensino do jornalismo no Brasil. Merecedor de um capítulo à parte, a incisiva legislação do Estado brasileiro especificamente no que tange ao ensino do jornalismo brasileiro no sistema de ensino superior. Retrata então o percurso de Luiz Beltrão, um dos pioneiros do ensino de jornalismo no Brasil com sua obra substancial e seu modelo didático-pedagógico que corroboram para a sistematização do campo. Enfim, destacam-se os problemas de ontem e de hoje, suas similaridades e discrepâncias em face da evolução da sociedade entre as décadas de 1940, início dos cursos de jornalismo no Brasil e os dias atuais com suas nuances. Entretanto, não é nossa intenção fazer um balanço total do ensino de jornalismo dentro de uma perspectiva histórica. Busca-se tão somente analisar a ligação dos principais fatos que compõem o ensino do jornalismo ao longo do tempo com os problemas vividos pela área hoje. Espera-se então, reavivando a obra de Luiz Beltrão, contribuir para melhorar o contexto do ensino de jornalismo no Brasil. Se em sua simplicidade e contando com poucos recursos foi Beltrão capaz de revolucionar o ensino de jornalismo, que dificuldades encontram hoje professores que contam com boa estrutura e recursos múltiplos?

## O ENSINO DO JORNALISMO NO BRASIL

A História do Ensino de Jornalismo no Brasil como nos conta Marques de Melo (2004) tem heranças na experiência norte-americana que, por sua vez, é “precedida por iniciativas ancoradas em território europeu, principalmente na Alemanha, França e Suíça, entre os séculos XVII e XIX”. O pioneirismo alemão advém dos primeiros jornais diários que incitam a democracia no velho continente.

Foi justamente o impacto do jornal diário no cenário europeu que motivou a primeira incursão universitária no terreno jornalístico, convertendo-o em objeto de reflexão intelectual. Coube institucionalmente à Universidade de Leipzig e pessoalmente a Tobias Peceur a primazia dessa inovação cognitiva, estimulando uma série de estudos que procuram desvendar o tecido social da imprensa e o protagonismo daqueles precoces artífices das cadeias noticiosas. (MARQUES DE MELO, 2004, p. 74)

Mas o elitismo do conteúdo jornalístico da época cerceou sua proliferação que, só se alastrou com a revolução burguesa na Europa e, também na América. O desenvolvimento das sociedades a partir da revolução cria demandas e, para suprir a necessidade de informações das massas, o jornalismo tem de se adequar a elas. Sobre o panorama mundial, Marques de Melo (2004) relata que “pouco mais de meio século distancia as iniciativas pioneiras de formação jornalística nos dois continentes”. Retrata-se aqui a primeira experiência na formação jornalística realizada na Alemanha pela Universidade de Breslau em 1806. A primeira iniciativa norte-americana como atesta Rizzini (1953) é do general Lee que “instituiu, em 1869, no *Washington College* (hoje *Washington and Lee University*) do qual era reitor, cinquenta lugares gratuitos para moços destinados à imprensa”. Porém, essa e outras tentativas foram fadadas ao fracasso.

O primeiro ensaio de um curso de jornalismo, o do general *Lee*, em 1869, já aludido, teve caráter estritamente material, de limitado artesanato. As aulas seriam mesmo dadas (o ensaio fracassou) na tipografia do “*Lexington Gazette*”. Daquele ano até 1904, quando *Pulitzer* publicou o famoso artigo que colocou o ensino de jornalismo no ponto de solução,

surgiram várias tentativas, todas de cursos esparsos, em geral ligados ao estudo da língua ou da literatura. (RIZZINI, 1953, p. 20)

Após muitas polêmicas sobre como deveria ser o ensino do jornalismo vigoraram nos Estados Unidos dois modelos acadêmicos: o da Universidade de *Columbia* (1912) com a escola de pós-graduação, beneficiária da doação de *Pulitzer* e o modelo da Universidade de *Missouri* (1908) com sua escola de graduação.

A primeira se destina a preparar editores e analistas para a grande imprensa, recrutando estudantes que tivessem formação prévia em outros campos do conhecimento. A segunda pretende formar repórteres para a pequena imprensa, tanto assim que criou um jornal-laboratório – *The Daily Missourian* – com circulação diária na comunidade em que funcionava a universidade, sob a responsabilidade dos seus professores e alunos. (MARQUES DE MELO, 2004, 77-78)

As experiências em solo americano foram acompanhadas atentamente por jornalistas brasileiros que se mobilizaram para a criação de uma escola de jornalismo em solo nacional. A iniciativa para tal foi lançada pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) que conseguiu a aprovação das diretrizes da escola no Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas em 1918. Constava das diretrizes da Escola da ABI ideias retiradas do modelo das escolas norte-americanas. Tal empreitada não obteve sucesso e não saiu do papel. O primeiro curso superior de jornalismo do Brasil, segundo Marques de Melo (1974, p. 17) “iria funcionar na Universidade do Distrito Federal, criada em 1935, graças à iniciativa de Anísio Teixeira”. O curso foi confiado ao jornalista Costa Rego, também dirigente da ABI, a quem Marques de Melo (2004, p. 81) atribui a filiação à corrente educacional de origem francesa. Porém a iniciativa também não foi bem sucedida tendo em vista a intervenção do Estado Novo que acabou com a estrutura universitária e transferiu seus alunos para a Universidade do Brasil. Mas o mesmo governo, atendendo aos apelos da ABI sanciona a Lei de criação de um curso superior de jornalismo.

Criado em 13 de maio de 1943 pelo presidente Vargas, organizado em 6 de dezembro de 1946 e reorganizado em 29 de março de 1948, inaugurou-se o Curso de Jornalismo em abril desse ano. Entrementes,

desde maio de 1947, funcionava em São Paulo a Escola de Jornalismo Cásper Libero [...] (RIZZINI, 1953, p. 45-46)

A iniciativa privada que Cásper Libero não pode ver concretizada em vida tornou-se realidade antes do modelo público. Em 1947, após o Ministério da Educação fixar as diretrizes pedagógicas dos cursos de jornalismo, a Fundação Cásper Libero celebrou convênio com a Fundação São Paulo, mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e abriu seu curso de jornalismo junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento. Contando com o aporte do Jornal “A Gazeta”, o curso de jornalismo da Cásper Libero recebeu elogios ao unir teoria e prática.

Semelhante à de Columbia quanto à origem, a Escola Cásper Libero assemelha-se à de Missouri quanto à objetividade. O ensino prático, tão difícil e custoso as organizações oficiais, era fácil para uma escola brotada de “A Gazeta”, onde o bom profissionalismo se requinta na excelência da apresentação gráfica. (RIZZINI, 1953, p.46)

Porém, alguns anos mais tarde, como nos conta Marques de Melo (1974, p. 24), “o próprio Carlos Rizzini [...] viria a ocupar o cargo de Diretor da Faculdade, inteirando-se da situação de fato, nem sempre semelhantes àquela apregoada”. Diante desse fato, Rizzini em Seminário promovido pelo CIESPAL em 1965, no Rio de Janeiro, reclamou da situação do ensino do jornalismo no país. A iniciativa pública do ensino superior de jornalismo veio em 1948 com a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil que

[...] adotou uma estrutura curricular seriada, onde havia nítida predominância das matérias culturais sobre as técnicas. Passando por sucessivas reformas, o ensino ali ministrado não conseguiu atingir os objetivos originais pretendidos pelos dirigentes jornalísticos que lutaram pela sua criação. (MARQUES DE MELO, 1974, p. 30-31)

Apesar de gerar controvérsias, o modelo da Universidade do Brasil serviu de referência para outras universidades que foram criadas. Destarte, no final da década de 1950, quando da conclusão de seu ensaio “O Espírito do Jornalismo” publicado no ano de 1960, o jornalista e professor de jornalismo, Danton Jobim, relatava dados sobre os cursos da época.

Existem ao todo no Brasil nove cursos de jornalismo, sendo dois na cidade do Rio de Janeiro e os demais distribuídos por diversos Estados, a saber: dois em São Paulo, dois no Rio Grande do Sul, um na Bahia, um em Minas Gerais e um no Paraná. Em 1957 havia 426 estudantes matriculados nesses cursos, dos quais mais de um terço, ou sejam 159, eram mulheres”. (JOBIM, 1960, p. 237)

Registre-se aqui a criação do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, criado em 1961, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tal curso foi cofiado pelo reitor Padre Aloísio Mosca de Carvalho ao jornalista Luiz Beltrão. Na década seguinte, nos idos de 1970, os cursos de jornalismo, principalmente nas instituições Federais ou Estaduais, passam a ser denominados por Faculdades de Comunicação Social. Nas últimas décadas o número de cursos de jornalismo em instituições públicas e privadas cresceu vertiginosamente.

## **O ESTADO E O ENSINO DO JORNALISMO**

Historicamente o ensino do jornalismo no Brasil sofreu ingerência do Estado que tem na nas escolas de comunicação um de seus aparelhos ideológicos. Justo na efervescência da criação dos cursos de jornalismo calha o momento histórico do golpe do Estado Novo (1937-1945) frustrando importante iniciativa.

...uma vez eu o Estado Novo liquidou a estrutura universitária criada por Anísio Teixeira e manteve apenas aqueles cursos que dispunham de similares na Universidade do Brasil, para onde foram transferidos os alunos inscritos, nos termos do Decreto-Lei 1.063, de 20 de janeiro de 1939. (MARQUES DE MELO, 1974, p.17)

Um segundo momento tenebroso para os cursos de jornalismo vem com o golpe militar de 1964, considerado o mais duro golpe na democracia que perdura até 1985. O decreto AI-5 (Ato Institucional número 5) que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva não deixa dúvidas sobre o cerceamento da liberdade.

O prolongado autoritarismo que o país sofreu nos últimos quinze anos repercutiu de forma dramática em todos os setores da vida nacional. Mas foi sem dúvida nas instituições universitárias onde se produziram enormes traumatismos. Não foi apenas a violência da aposentadoria e cassação branca de docentes ou da expulsão de discentes, frutos da triagem ideológica e da perseguição gratuita a desafetos pessoais ou a personalidades marcadas pela atuação crítica. Foi principalmente, o clima de terros e medo, que se instaurou no ambiente universitário, eliminando praticamente a possibilidade do debate democrático e da convivência pluralista. Nas escolas de comunicação, que aliás se multiplicaram em meio a esse período de trevas, o espaço para a atividade criativa, para a reflexão inovadora, para o rompimento das estruturas obsoletas, praticamente inexistiu. (MARQUES, FADUL e SILVA, 1979, p. 7)

Não bastasse os duros golpes na democracia que afetaram sobremaneira os cursos de jornalismo, o Estado ainda tem o controle dos cursos através de legislação específica. Basta um olhar para a história para ver discrepâncias e antagonismo de tal legislação com a democracia plena e o bem estar comum. Destaca-se nesse rol a implantação dos currículos mínimos impostos pelo MEC que se mostraram contraproducente na sistematização do ensino do jornalismo em prol de uma sociedade mais justa e equânime. Diante do mal infligido, os participantes do I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em Santos no ano de 1978, reagiram e lançaram o livro “Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação”.

Tendo consciência de que os currículos mínimos decretados pelos órgãos educacionais do governo federal constituem meros instrumentos do aparelho ideológico do Estado, os participantes daquele certame procuravam sair do beco sem saída da denúncia pela denúncia, dando um passo à frente e perguntando: que fazer? Na verdade, isso envolvia uma mudança de atitude no sentido de repensar a problemática do ensino de comunicação numa sociedade dependente como a nossa. (MARQUES, FADUL e SILVA, 1979, p. 9)

O título e o introdutório da obra destacam a questão da ideologia e do poder no ensino da comunicação e alertam para a necessidade da análise, reflexão das manifestações concretas de leis, portarias, determinações e pareceres do MEC.

Justifica-se assim, a necessidade de se examinar os mecanismos de controle e poder no ensino da comunicação, da mesma forma que a ideologia está por trás das diferentes mudanças curriculares. A partir do momento em que se constata, a nível federal, que a comunicação é assunto de segurança nacional, não se pode ingenuamente supor que a regulamentação de seu ensino esteja entregue ao acaso, ou ao arbítrio dos membros do Conselho Federal de Educação. Da mesma



forma, as constantes mudanças de currículo não são simplesmente resultantes da insatisfação dos estudantes, dos professores, mas significam que o ensino da comunicação, devido ao papel cada vez mais importante dos meios de comunicação, tem que ser redimensionado conforme o projeto de modernização da universidade brasileira, elaborado pelo governo federal na década de 60. Não há, portanto, neutralidade possível nesse setor, por dois motivos fundamentais: primeiro, porque a escola é um dos mais importantes aparelhos ideológicos de Estado, uma de suas mais eficientes formas de controle; segundo, porque a comunicação é um setor de ensino intimamente ligado a um outro aparelho, aquele dos meios de comunicação de massa, que nos países subdesenvolvidos, na ausência de uma educação formal, adquirem um papel vital na dominação/direção da classe. (MARQUES, FADUL e SILVA, 1979, p. 9)

Destarte, a exemplo do que aconteceu no início dos cursos de jornalismo no Brasil, mantendo o Estado sob seu jugo o ensino da comunicação, por meio dos mais diversos aparelhos de controle, por detrás de instrumentos legais do governo, não estaria também acontecendo atualmente?

## **INFLUÊNCIAS DA UNESCO E DO CIESPAL**

Na segunda metade do século XX, ainda sob os efeitos internacionais do pós-guerra anos 50 e 60, começa a se forjar a Escola Latino-Americana de Comunicação. Sob a égide de três instituições paradigmáticas das Ciências Sociais: o Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América latina), o Icinform (Instituto de Ciências da Informação) e o Ininco (Instituto de Investigaciones de la Comunicación), congregaram-se estudiosos de diversas partes do mundo. A pluralidade de contribuições para o campo acompanha também a diversidade de ideias e pensamentos ancorados em vertentes teóricas diversas. É a pesquisadora Margarida Krohling Kunsch quem anota essa diversidade nos três organismos pioneiros na edificação da Escola Latino-Americana de Comunicação. Principiando pelo Ciespal, ressalta a base funcionalista e relata que este

“[...] visava basicamente capacitar jornalistas e produtores radiofônicos para atuar nas indústrias culturais latino-americanas, tendo como pano de fundo o difusionismo hegemônico e uma metodologia da então corrente do mundo acadêmico dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, originando daí, inúmeras atividades de formação, pesquisa e publicações” (KUNSCH, 1999, p. 10)

Sem se deter a uma única corrente, o Icinform, idealizado por Luiz Beltrão conta com a colaboração de seus discípulos e expoentes.

“Já o Icinform ao se declarar como uma ‘entidade civil, de caráter cultural, educacional e técnico profissional que se destina a congregar quantos se interessam pelos estudos, pesquisas e práticas na área de comunicação coletiva’ amplia o leque de possibilidades e demonstra uma clara vacação de buscar uma complementaridade e uma interação entre a pesquisa e a prática, não fugindo da perspectiva de se voltar para a realidade brasileira, regional e local” (KUNSCH, 1999, p. 10)

Permeando os estudos do Ininco, a pesquisadora aponta a influência direta de uma teoria crítica.

“O Ininco assimila a bandeira da Escola de Frankfurt e finca raízes no paradigma da pesquisa-denúncia, liderado pelo estudioso vanguardista Antonio Pasquali. Seus estudos possibilitam a construção de uma teoria crítica da pesquisa de Comunicação Social ou de Massa, a partir de um referencial teórico-metodológico dos problemas da comunicação, das políticas democráticas dos meios de comunicação, resgatando a vertente crítica frankfurtiana e analítica marxista-lenista” (KUNSCH, 1999, p. 10)

Destarte, as três instituições acima citadas corroboraram sobremaneira para a configuração do campo comunicacional à época e, conseqüentemente, respeitando-se a pluralidade de pensamento de cada uma, para a construção do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. Destaca-se a atuação do Ciespal que exerceu um papel preponderante no contexto da comunicação em América Latina. Fundado pela Unesco, à época dominada pela política estadunidense que, em meio à guerra fria, buscava manter a hegemonia contra o comunismo soviético, o centro se fundou em base funcionalista norte-americana. Conformamo-nos com o relato da pesquisadora Cremilda Medina participou do Ciespal e conta que

“No início da década de 70, quando entrei em contato direto com a experiência do Ciespal, em Quito, já então se haviam confirmado linhas fundamentais de atuação: a qualificação dos jornalistas latino-americanos, a começar por aqueles que cobriam esporte e a culminar nos que divulgavam os avanços da Ciência; a concepção sociológica da Comunicação Social, articulando as diferentes profissões consagradas na área, especialmente o Jornalismo, Relações Públicas e Propaganda e

Publicidade; e a fundamentação da pesquisa (investigación) na América Latina e o Ciespal como pólo aglutinador das metodologias e técnicas funcionalistas” (MEDINA, 1999, p.139)

Medina ainda cita Luís Custódio da Silva, bolsista do Ciespal na década de 80, que em sua análise relata que a primeira fase do centro é nitidamente difusionista repassando ao “subcontinente” a concepção de desenvolvimento do primeiro mundo. A pesquisadora cita que o Ciespal publicava desde a sua fundação uma série de documentos, entre eles, cadernos assinados por autores funcionalistas como Wilbur Schramm e Jacques Kayser. Já nos anos 70, Medina relata que o Ciespal reúne uma geração inquieta, do ponto de vista práticas profissionais onde

“Constata-se, nesse e em outros momentos, o equívoco de um difusionismo ingênuo que atropela as competências e as identidades dos objetos de extensão desenvolvimentista. Era frequente, no início dos 70, no Ciespal, a polêmica qualificada que os alunos de América Latina desencadeavam diante de um professor dos Estados Unidos, da Europa ou da então União Soviética”. (MEDINA, 1999, p.142)

Diante da situação, Cremilda (1999, p.143) então relata que “a valorização do contexto da comunicação social precipitou um enriquecimento inevitável no Ciespal, o da sociologia aplicada”. É a autora ainda quem registra os conflitos de correntes teóricas dentro do Ciespal.

“Mas se o Norte difusionista persistia na ilusão de que detinha um conhecimento aplicável ao Sul latino-americano, o do funcionalismo de primeira geração, novamente seus braços extensionistas se confrontaram com os índios do subcontinente e tiveram que ouvir os gritos da rebeldia, por exemplo, no que refere à metodologia epidérmica e quantitativista que se introduzia como parâmetro de eficiência absoluta. O diálogo conflitivo tão bem expresso por Robert K. Merton entre a sociologia norte-americana (estrutural-funcionalismo) e a sociologia crítica europeia (com ênfase na Escola de Frankfurt), ainda na primeira metade do século XX, recebe outra tonalidade no Ciespal: desloca-se para o embate Norte-Sul e, principalmente, assume os contornos identitários dos sujeitos dos cursos, os comunicadores latino-americanos” (MEDINA, 1999, p.144)

Cremilda Medina (1999, p. 145) finaliza a questão salientando a investida das Fundações Frederick Ebert e Konrad Adenauer “[...] na América Latina, deslocando o eixo difusionista para a órbita da social democracia alemã”.

## **LUIZ BELTRÃO E O ENSINO DO JORNALISMO**

Luiz Beltrão Luiz Beltrão de Andrade Lima nasceu no dia 8 de agosto de 1918 em Olinda, no Estado de Pernambuco. Estudou no Seminário de Olinda e no Ginásio Pernambucano e graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco. Ainda no ginásio, ingressou no jornalismo trabalhando no arquivo do jornal Diário de Pernambuco onde passou a revisor e, posteriormente, se tornou repórter. Também atuou em vários órgãos da imprensa pernambucana e tornou-se líder sindical da categoria, alcançando projeção nacional. Participou de congressos jornalísticos, no país e no exterior, foi autor de diversos ensaios e monografias sobre o jornalismo e suas consequências na sociedade. Não por acaso Luiz Beltrão é chamado de “Renovador do Ensino de Jornalismo no Brasil” (Marques de Melo, 2007, p. 26) e “Pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil” (Marques de Melo, Trigueiro, 2008). Sua atuação como jornalista profissional, como professor de jornalismo, como pesquisador da comunicação e como autor de vasta e pioneira bibliografia na área, atesta e justifica com mérito os títulos acima evocados. Senão, vejamos passagens significativas que construíram a identidade deste baluarte do jornalismo e as principais obras que contribuem sobremaneira para sistematização, categorização e organização do ensino do jornalismo no Brasil. A prática profissional no jornalismo iniciada em 15 de dezembro de 1936 no Diário de Pernambuco impulsionou Luiz Beltrão para o ensino do jornalismo. Desde o início de sua carreira, que não foi curta, durando praticamente 30 anos, Beltrão nutria o desejo de aprender mais sobre o jornalismo do que a redação lhe oferecia. Apesar de ser jornalista por vocação, defendeu como ninguém a formação universitária do profissional jornalista.

Fui um profissional vocacionista que aprendeu no batente, desde a revisão e o arquivo até a reportagem, a secretaria, a editoria, a diagramação e a paginação. Mas foi ainda no Diário e pelo mesmo Aníbal Fernandes, um dos mais combativos jornalistas entre os quais convivi, que me informei de que a nossa profissão não se aprendia somente nas redações. Certa noite, o mestre Aníbal, [...] chegou ao Diário sobraçando um volume de capa cinzenta, em que o autor – [...] não só transmitia conhecimentos sobre o exercício profissional em diferentes campos como teorizava sobre o jornalismo como atividade humana, essencial ao funcionamento do organismo social. (BELTRÃO, 2006, p. 358-359)

A partir da obra apresentada por Aníbal Fernandes, Beltrão adquiriu novos livros em viagens pelo exterior, já que, na época, não havia bibliografia sobre jornalismo no Brasil. O conhecimento foi fator preponderante para convencer Beltrão (2006, p. 359) “de que não bastava ao jornalista uma formação humanística”, havia a necessidade da formação universitária. Seu conhecimento só fez aumentar quando entrou na Faculdade de Direito do Recife.

Convenceu-me, a vivência universitária, entre 1939 e 1943, que sem ela não se poderia, salvo exceções geniais, exercer em sua plenitude a profissão de pregoeiro dos fatos, ideias e situações capazes de informar e formar a opinião pública, que era nossa missão. (BELTRÃO, 2006, p. 359)

Continuando a adquirir ensaios teóricos e manuais sobre atividades da comunicação, em especial sobre jornalismo e certo de que só o nível universitário seria capaz de formar profissionais jornalistas à altura da nobre missão de informar e formar a opinião pública, Beltrão defende sua ideia em congresso da área.

Esta foi a tese que defendi, em setembro de 1953, como delegado pernambucano ao V Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em Curitiba. O documento intitulado Liberdade de imprensa e formação profissional, ia encontrar na legislação e na prática do jornalismo tanto dos Estados Unidos e do bloco ocidental como da União Soviética e do bloco socialista o mesmo cuidado com a preparação intelectual e filosofia dos agentes sociais da comunicação, capacitando-os à defesa dos pontos de vista contrastantes que, no entanto, deveriam corresponder aos anseios e ideais da comunidade a que serviam. (BELTRÃO, 2006, p. 360)

Tal tese criou agitação na área com manifestações pós e contrárias a Beltrão que, a partir desse congresso, sistematizou suas ideias entre os anos de 1953-1959 que culminaram no ensaio *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* que ganhou o Prêmio “Orlando Dantas” no ano de 1959. O primeiro de uma série de livros voltados para a sistematização do ensino do jornalismo no Brasil.

*Iniciação à Filosofia do Jornalismo* representa uma virada na vida de Beltrão. A Atividade jornalística fica em um segundo plano cedendo lugar ao acadêmico Luiz Beltrão. Representa também um marco nos estudos do Jornalismo no país que, pelas mãos do pesquisador, começam a ser organizados, sistematizados e investigados com um rigor metodológico, com base em uma análise de dados, apresentando formulações e proposições teóricas. Deste livro, destacamos três contribuições: o conceito de Jornalismo, de agentes do jornalismo e as discussões éticas sobre a atividade jornalística. (VIZEU, 2007, p. 19)

Ainda no ano de 1959, Beltrão inicia sua carreira acadêmica no recém-autorizado curso de jornalismo da Faculdade de Filosofia das Lourdinhas (Instituto Nossa Senhora de Lourdes), em João Pessoa. Em 1960, participa da IV Conferência Nacional de Jornalistas, sediada em Manaus, onde recomenda uma reestruturação de emergência para os cursos de jornalismo.

Sua tese central residia na autonomia desses órgãos, seguindo assim a corrente que fora liderada pelo professor Luís Silveira, de São Paulo. Lamentando o fato de que “as autoridades do ensino superior têm sistematicamente mantido a esdrúxula orientação, a despeito das diversas reformas por que já passou o programa dos cursos de jornalismo”, mostrava algumas consequências negativas dessa orientação oficial: “os professores são contratados ou nomeados interinamente, não figurando nas Congregações; o currículo continua mal estruturado; disciplinas como Publicidade, Ética, Rádio jornalismo e Administração são ministradas em apenas um ano, quando exigiriam maior período de ensino” (MARQUES DE MELO, 1974, p. 41)

Tal visão crítica foi incorporada ao programa da Universidade Católica de Pernambuco quando Beltrão assumiu a coordenação do curso de jornalismo em 1961. Nesta instituição desenvolve um sistema revolucionário de ensino de jornalismo com experiências didático-pedagógicas inovadoras. Um de seus alunos do primeiro curso, Marques de Melo (1974, p. 42) retrata experiências

“que se traduziam inicialmente pela integração aluno-professor no processo educativo, instituindo o espírito de crítica e de investigação”.

A par dos exercícios de redação em sala de aula, concebeu Luiz Beltrão uma metodologia especial para o ensino das técnicas jornalísticas, realizando um trabalho de comparação sistemática entre a realidade profissional e as teorias divulgadas nos manuais de jornalismo. Para tanto, utilizou um instrumento peculiar – o jornal cobaia (MARQUES DE MELO, 1974, p.42)

Junto com a primeira turma do Curso de Jornalismo da UNICAP, em 1963, Beltrão criou o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), primeiro centro brasileiro de estudos acadêmicos sobre os fenômenos midiáticos, mantido pela Universidade Católica de Pernambuco. Desta iniciativa surgiu a primeira equipe de pesquisadores de fenômenos comunicacionais e a primeira revista científica da área no Brasil – Comunicações & Problemas –, publicada a partir de 1965. O trabalho de Luiz Beltrão na Universidade Católica de Pernambuco lhe credenciaria para uma incursão no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina- CIESPAL. Conforme depoimento de seus discípulos, Luiz Beltrão datilografava suas aulas criando autênticas apostilas de jornalismo. Desta forma surge outra obra totalmente voltada e sistematizada para o ensino do jornalismo, a apostila do curso ministrado no Ciespal no ano de 1963, “Métodos de Enseñanza de la Técnica del Periodismo”. Nesta apostila, posteriormente publicada em forma de livro, Beltrão apresenta uma importante bibliografia de jornalismo.

O livro Enseñanza del Periodismo traz dois outros importantes aportes para os estudos e para as teorias do Jornalismo. A primeira é a preocupação em sistematizar e organizar uma bibliografia de Jornalismo, em particular, brasileira. Beltrão (1963) listou na época 38 obras de autores nacionais, duas traduções e os Anais dos Congressos dos Jornalistas de 1953, 1954, 1956 e 1958. Sem dúvida, um trabalho importante porque mostra o acúmulo e divulga a pesquisa no campo do Jornalismo no país permitindo um maior conhecimento do que está sendo investigado, contribuindo para a construção de um campo de estudos no Brasil. A outra contribuição importante de Beltrão (1963) apresentada como uma riqueza de detalhes em Enseñanza del Periodismo é o jornal-laboratório criado por ele no curso de Jornalismo da Unicap, que rompe com toda uma tradição de avaliação da universidade, voltada para trabalhos individuais e coletivos. O jornal denominado de Diário da Cidade teve uma grande repercussão porque

possibilitou aos estudantes trabalharem a teoria na prática. (VIZEU, 2007, p.26)

Outra obra que merece destaque, um verdadeiro “manual” de Teoria e Prática do Jornalismo é resultado de um “[...] conjunto de fascículos que Luiz Beltrão foi publicando no triênio 1961-1963” que, “depois de testar em sala de aula o conteúdo programático desenvolvido no primeiro ano da Cátedra ‘Técnica de Jornal’, resolveu apostilar o conjunto de lições ministradas” (BELTRÃO, 2006, p.8) A edição artesanal foi impressa na tipografia da Escola Gráfica Editora Recife no ano de 1964 sob o título “Técnica de jornal”, com o selo do recém-criado Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) foi dividida por Beltrão em três partes: Teoria do Jornalismo, A Empresa Jornalística e Prática da Notícia. Em 2006, uma parceria entre a Cátedra UNESCO/Methodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e as Faculdades Adamantinenses Integradas – FAI – coedita o livro como coroamento do Ciclo Luiz Beltrão. A feliz iniciativa revigora a luz sobre importante obra de Luiz Beltrão e passa a ser revista pelos catedráticos de comunicação da FAI sob a orientação do entusiasta professor Sérgio Barbosa, idealizador do Ciclo. O reconhecimento de seu trabalho fez com que o Governo Castelo Branco o convidasse a assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília no período entre 1965 e 1969. É ali que defende sua tese de doutoramento sobre Folkcomunicação, convertendo-se no primeiro Doutor em Ciências da Comunicação do Brasil. O fim de sua experiência em Brasília coincide com outra importante colaboração para o estudo do jornalismo que foi a sistematização feita por Luiz Beltrão sobre os Gêneros Jornalísticos abordados na trilogia “Imprensa Informativa” (1969), “Jornalismo Interpretativo” (1976) e “Jornalismo Opinativo” (1980). Aos olhos do editor Folco Masucci, “A Imprensa Informativa” é um livro didático de “técnica de jornal” que se ocupa da notícia e da reportagem do setor, ilustrando-se as lições com gráficos e fotografias, textos e exercícios práticos. Resultado de cerca de dez anos de ensino e vinte e cinco de prática jornalística, Luiz Beltrão descreve A imprensa informativa como um manual destinado ao noticiário e ao repórter do jornal diário e dedica a obra a todos os jornalistas e professores de jornalismo. Certo é



que a primeira obra da trilogia informativo-opinativo-interpretativo, além de configurar e adequar a teoria e a prática à realidade jornalística brasileira, conceitua o gênero jornalístico informativo. Resultado de um curso de inverno em uma série de palestras ministradas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a segunda obra da tríade sobre gêneros jornalísticos de Beltrão – *Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica* – traz em seu bojo o conceito do autor sobre a propriedade da interpretação, sua pertinência e análises correlatas. Essa identificação com o jornalismo interpretativo arrancou a Luiz Beltrão (1976, p.47) a confissão de que “a interpretação é uma das características básicas do jornalismo, o que vale dizer uma atitude de ofício do agente da informação de atualidade”. Fechando a trilogia de Luiz Beltrão sobre gêneros, *Jornalismo Opinativo* aborda a função de opinar, exercida por diferentes agentes da mensagem. Apresentando conceitos, o autor utiliza sua representação gráfica– triângulo retângulo – para retratar a opinião como função vertical do jornalismo e cobra uma postura ética na condução da mesma como orientadora das massas.

O jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois quando expressa com honestidade e dignidade, com reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia do corpo social. (BELTRÃO, 1980, p.14)

E, ao jornalista, ainda vaticina:

Opinar, para ele, não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar. Ainda mais: é sua função captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição. (BELTRÃO, 1980, p.18)

Respondendo em que consiste, realmente a opinião, Beltrão (1980, p.14) diz “que se trata da função psicológica, pela qual o ser humano, informado de idéias, fatos ou situações, conflitantes, exprime a respeito seu juízo”. No total, Luiz Beltrão publicou vinte livros e, não obstante outras obras conterem

importantes contribuições ao ensino do jornalismo, o presente ensaio se aterá a este conjunto. Ressalta-se o pioneirismo de Luiz Beltrão:

Luiz Beltrão converteu-se em ícone brasileiro das ciências da comunicação por seu tríplice pioneirismo: fundador do primeiro instituto universitário de pesquisa (1963), criador da primeira revista científica (1965) e autor da primeira tese de doutorado (1967) nessa área do conhecimento, em nosso país (DUARTE, 2001, p.127).

No ano de 1985 teve um acidente vascular cerebral que o deixou ficou parálítico das pernas. Sobre uma cadeira de rodas ainda teve forças para escrever e lançar o livro Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. Luiz Beltrão faleceu no Hospital das Forças Armadas em Brasília, no dia 24 de outubro de 1986, aos 68 anos. A importância de sua obra o torna imortal diante de sua colaboração para as Ciências da Comunicação. O livro Itinerário de Luiz Beltrão Recife, AIP/ UNICAP, 1998) – organizado por Roberto Benjamin – descreve toda sua trajetória intelectual.

## **PROBLEMAS DE ONTEM E DE HOJE**

Desde o início do ensino superior de jornalismo no Brasil os cursos vivem entre o pragmatismo norte americano e o academicismo europeu. Apesar das contínuas mudanças dos currículos ainda não há um equilíbrio entre teoria e prática nas IEs de jornalismo. Sobre a velha exigência das escolas manterem laboratórios para a prática, a grande maioria das instituições não cumpre esse requisito e, quando cumprem, estão distante da realidade. A falta de equipamentos como laboratórios de rádio, tv, jornal etc. é sem dúvida um entrave no ensino do jornalismo. Tudo isso corrobora para distanciar ainda mais o egresso dos cursos de jornalismo do mercado de trabalho. O que por certo minimizaria a falta de prática dos cursos de jornalismo seria a regulamentação do estágio. Outros problemas que pululam nos curso de jornalismo ao longo do tempo são: incompatibilidade de carga horária para com algumas disciplinas que merecem um tempo maior para serem assimiladas; Matérias técnicas ensinadas somente com teoria; Falta de sincronia entre o curso e o mercado de trabalho; Falta de atividades extracurriculares para

integração profissional; Muita teoria e pouca prática nos cursos; deficiência estrutural e didático-pedagógica frente a evolução das novas tecnologias, etc.

## **CONCLUSÃO**

Historicamente o ensino de jornalismo no Brasil patina sobre vários problemas desde seu início até os dias atuais sem encontrar soluções. A dependência do Estado na determinação das novas diretrizes curriculares do ensino de jornalismo como no princípio dos cursos, continua sendo prejudicial ao bom andamento dos mesmos. Luiz Beltrão conseguiu, através de suas ações e obras, aliar teoria e prática no ensino do jornalismo brasileiro, haja vista que sua atuação como professor e pesquisador da comunicação sempre foi pautada pela realidade vivida nos quase trinta anos de jornalismo dentro e fora das redações. O pioneirismo de Luiz Beltrão no ensino do jornalismo conforma teoria e prática que podem ajudar o ensino do jornalismo na atualidade.

## **REFERÊNCIAS**

ANUÁRIO UNESCO/METODISTA DE COMUNICAÇÃO REGIONAL.

**Comunicação no Brasil** : as idéias pioneiras de Luiz Beltrão. n. 10, a. 10, São Bernardo do Campo : Umesp, jan-dez. 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/Metodista e Comunicação para o Desenvolvimento regional, 2006.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.

\_\_\_\_\_. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BENJAMIN, Roberto Ernesto Câmara (org). **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco/Fundação Antonio dos Santos Abranches-Fasa, (Perfis Pernambucanos; 9) 1998. 311 p.

DUARTE, Jorge. Luiz Beltrão, um autodidata abrindo picadas no campo da comunicação. In: MARQUES DE MELO, José & DUARTE, Jorge (orgs.). **Memória das ciências da comunicação no Brasil: Os Grupos do Centro Oeste**. Brasília: UneCeub, 2001, pp.127-155

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. Rio de Janeiro. Livraria São José. 1960.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. “Prefácio” in MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina (orgs). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO**. Anais da Escola latino-americana de Comunicação, 3. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

MARQUES DE MELO, José e TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Luiz Beltrão Pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB. 2008.

\_\_\_\_\_. J. Luiz Beltrão, renovador do ensino de jornalismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.26-40, abr./jul.2007. Disponível em: <http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

\_\_\_\_\_. José. “Os primórdios do Ensino de Jornalismo”. in. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. I Nº 2 - 2º Semestre de 2004. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2004. (p.73-83)

MARQUES DE MELO, J. M.; Fadul, A. & Lins da Silva, C. E. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**, São Paulo: Cortez & Moraes. 1979.

\_\_\_\_\_, **Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação**, São Paulo, Paulinas. 1974.

MEDINA, Cremilda. “Ciespal e o resgate das vozes do hemisfério sul” in MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina (orgs). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO**. Anais da Escola latino-americana de Comunicação, 3. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

RIZZINI, Carlos. **O ensino do jornalismo**. Rio de Janeiro. Mec. 1953.

VIZEU, Alfredo. Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo. In. Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.30, n.1, p. 13-34, jan./jun. 2007. (p. 15-34)